

ESTAFETA

PERIODICO IMPARCIAL

Proprietario e principal Redactor—José Pereira Lopes.

ANNO I

E. UNIDOS
DO
BRASIL

ASSIGNATURAS
Por anno:
Capital 8\$000
Interior 10\$000

THEREZINA, 15 de Novembro de 1898

REDACÇÃO E
OFFICINAS:
Praça de Uruguayana n.º 17.

ESTADO
DO
PIAUHY

NUMERO 53

Redactores—Drs. Laudelino Baptista e Abdias Neves.

ESTAFETA

15 DE NOVEMBRO.

O dia de hoje é o ponto culminante da historia brasileira, a data memoravel que evoca-nos á lembrança a transformação politica que, devido á lei mater de todos os phenomenos historicos como physicos, lei formulada pelo genio de Herbert Spencer—a evolução—fêz-nos passar da velha forma monarchica á forma ideal de todos os povos cultos—a republicana.

Foi a 15 de Novembro de 1889 que estalaram-se todos os elos que chumbavam a monarchia ao brazileo solo e o Imperio valetudinario e carcomido ruiu por terra como um velho roble apodrecido.

O que foi esse acontecimento que para muitos representa um facto sem par em toda a historia, dada a excepcionalidade em que elle se effectuou, uma como appareção de um hypogripho em plena realidade, não é preciso memorar neste momento: todos recordam-se ainda de suas principaes peripecias, dos incidentes sobrevindos por essa occasião.

O que resta dizer, porém, é que, apesar das mil alternativas e decepções porque temos passado, a Republica parece definitivamente consolidada, ainda que muito falte para ser o verdadeiro governo da liberdade realisada.

O movimento grandioso de 15 de Novembro fechou-nos para sempre as portas á monarchia, abrindo-nos amplos e dilatados horisontes. E' preciso agora somente um pouco de patriotismo, mas «não movido de premio

vil, mas alto e quasi eterno», de que falla o epico portuguez para a realidade republicana.

As lutas politicas, o combate das ambições desenfreadas e purulentas, o encontro dos interesses que se chocam, se sobrepõem, tudo isto tem contribuido sensivelmente para a demoralisação do regimen, para o seu entraquecimento e descredito.

Não obstante, ainda não somos completamente dos desiludidos de nossas miserias republicanas e ja passou-se o tempo em q' quem dizia que isto era republica, merecia ter nascido no eito sob o acoite do feitor.

Ainda lampeja-nos um raio de esperança e agora que o governo tem de passar á novas mãos, agora que a nação vae entrar em outra senda, façamos votos a Deus para que cessem de uma vez para sempre todas estas mesquinhas e pequeninas retaliações partidarias que não só nos tem abatido, como envergonhado.

O paiz está exaustão; não temos credito, o estrangeiro desconfiado e previdente olha-nos de soslaio, a bancarota bate-nos á porta e em meio desse descalabro geral é preciso um governo de uma orientação verdadeiramente patriotica e que tenha a nitida intuição de sua missão.

No caso contrario, isto é, a continuar como até hoje, com pequenas modificações, o governo do «Marechal» o grande responsavel por todas as desgraças que nos tem sobrevindo, estamos irremediavelmente perdidos, não temos para quem appellar e impreterivelmente realisar-se á a prophécia do estadista argentino que vê a unica solução ao problema sul-americano da dissolução do Brazil.

NOVOS HORISONTES

Collocando-se hoje á frente da gestão dos negocios patrios o exm. sr. dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, em uma phase de tremendas dificuldades, quando de todas as partes levantam-se óbices que certamente difficultarão a acção governamental, a nossa vista ergue-se supplice mas esperancada para aquelle de que vão d'agora em diante depender os destinos da Republica.

Supplice, sim, para, em nome do povo soffredor eterno, eterno martyr, em nome do paiz, appellar para os sentimentos patrioticos de S. Exc. para rogar-lhe que, na culminancia do poder, não se deixe offuscar pelo brilho de um fastigio ficticio, por isso mesmo que é passageiro; todas as vezes em que como homem publico tiver de operar.

Faça o dr. Campos Salles do seu governo uma Arca Santa onde achem guarida a Justiça, a Equidade, o respeito ás Leis, a garantia do voto & & e certamente nos ultimos dias do mandato não terá o cortejo de maldições, o sequito de odios e rancores entranhados que cercam em regra aquelles que no desempenho de cargo de tamanha relevancia descuram-se, esquecem a altura do papel que representam.

Tenha como norma S. Exc. antes de tudo o bem estar da collectividade; furtê-se, por completo, ás imposições dessa politica de aldeia que tudo asphixia, e que tão funestos precedentes tem já; si, na realidade, tem alguma affeição a esta terra infelicitada, esqueça-se de que é paulista para lembrar-se de que é brasileiro, de que tem uma Familia para lembrar-se de que tem uma Patria; e, procedendo assim, ao deixar a presidencia se erguerem-lhe um monumento não será de marmore, não será de bronze,—será feito de cada coração ardente de patriota reconhecido!

Lembre-se que é o Messias de muito desejado, e, como o pallido rabino, tenha ao menos o estoicismo de morrer n'esse posto de sacrificios—a cruz do seu calvario!

Como o viajante que atravessando as infinitas extensões de areia do deserto, extenuado, sedento, faminto, pedindo a morte a Allah como o meio salvador para tantos males, tem a tremenda illusão da miragem de que volta mais abatido que nunca, nós, na travessia terrivel de nove annos de republica, muita vez temos tido d'esses offuscamentos de um instante, que passam breves, queimando-nos, porém, a alma mais e mais desalentada!

Oh! e quanto é funda e cruciante a dor do desenganho nesses momentos supremos em que mais oppressor sentimos o desconçolo!...

Vimos por mais de uma occasião espontar o diluculo auspicioso de uma nova epoca nos horisontes patrios e quasi crentes e quasi esperancosos de que o levantamento moral ia dar-se, esquecemos prestes todo o negro passado, promptos a perdoar a aquelles que tantos males nos haviam feito!...

Pura illusão! Tudo recania no statu quo primevo, e a heroica e generosa alma brazileira como que anesthesiada, continuava fria e indifferente aos ataques dos filhos es-purios...

O exm. sr. dr. Manoel Ferraz de Campos Salles accorda em nós essa esperança—que julgavamos morta—de um possivel resurgimento para uma epoca de mais prosperidade, de mais altruismo, de mais patriotismo emfim, em que os nossos homens de Estado vejam acima dos seus interesses individuais alguma cousa mais—é interesse da Nação!

Muito confiamos no seu zelo e competencia postos em prova quando governador de S. Paulo; muito contamos da actividade que tem manifestado em certas occasões; mas, por demais experimentados na escola de uma experiencia que nos tem custado caro, ficamos na expectativa de actos que corroborem o conceito que de si formamos.

Que seja uma phase de paz e de progresso a do seu governo são os votos do «Estafeta».

O GOVERNO QUE FINDA

Ha quatro annos no dia de hoje por entre as delirantes e ruidosas acclamações do povo brasileiro assumia as redeas da suprema administração da Republica o sr. dr. Prudente José de Moraes Barros.

Ha quatro annos inaugurou-se o governo civil no Brazil após um periodo caliginoso de luctas sangrentas travadas entre o governo militar; forte, energico e as facções ambiciosas de mando.

Não é ocioso affirmarmos aqui que, durante a presidencia do Marechal Floriano—o glorioso morto; tivemos sempre os olhos fitos nos acontecimentos que se

desenrolavam em nossa Patria e os temos acompanhando d'ahi para cá com interesse e curiosidade.

Sem receio de que nos possam arguir de partidarios, vamos fazer uma breve analyse dos actos do Presidente que hoje deixa o poder, o que importa indicar os arrecifes onde póde encaixar a nau cujo leme segura a estas horas o sr. dr. Campos Salles.

O dia de hoje não é só o de uma data nacional que relembra a realisação do mais bello programma de um povo. Elle é principalmente a chave que vae abrir as portas do grande futuro da Republica.

Sim; porque o povo brasileiro confia que o illustre republicano que hoje se empossa da suprema magistratura, espirito esclarecido e experimentado nas pugnas mais accesas da propaganda, feito para os duros embates da administração e um dos mais dignos campeões dessa cohorte de bravos que abertamente, publicamente, desde 1870, soltaram às auras bemfazejas da Patria, o sublime estandarte da liberdade, saiba, no honroso posto a que o elevou o voto espontaneo, livre e unanime de seus concidadãos, corresponder as nossas expectativas.

O presidente que hoje deixa o governo commetteu erros, praticou injustiças e soffreu amargas decepções.

Em todos os departamentos da publica administração encontramos provas inequivocas do que vimos de afirmar.

Nas finanças a incapacidade do governo e a incompetencia de seus auxiliares nos aproximaram da insolvabilidade: S. Exc. recebeu o cambio a 12, quando o Paiz soffria os effeitos da transformação politica porque acabara de passar, estivera a braços com a poderosa revolta da Marinha e sustentava ainda a lucta armada no Rio Grande do Sul, e entrega-o a 8.

Na industria e viação os erros sem conta estão ahi a acarretar despesas enormes.

Diversas acções tem sido intentadas contra a Fazenda, devido as rescizões de contractos e resultantes do criminoso procedimento do governo com relação ás propostas de arrendamentos

das estradas de ferro, chegando o escandalo ao ponto de não serem abertas muitas que ficaram intactas na secretaria.

Foram dispensados illegalmente diversos empregados da repartição dos telegraphos, alguns com mais de vinte annos de serviço.

Seria para fazer economia?

Acreditamos que não.

Na Marinha S. Exc. nada melhorou. A venda dos nossos couraçados na Europa, a falta de vasos de guerra promptos para uma lucta em dado momento, o nosso littoral desabrigado, as nossas fronteiras desprotegidas, eis os serviços feitos a esta.

No exercito, em vez de ensinar o amor ás instituições, a dedicação e lealdade á forma de governo, em vez de unil-o, de estreital-o cada vez mais, S. Exc., ao contrario, creou animosidades, promovendo uns com manifesta preterição de outros de reaes merecimentos, perseguindo a muitos como succedeu com Lauro Sodré, Barbosa Lima, homens de incontestada competencia para o magisterio que foram dispensados porque em politica estavam em campo opposto ao de S. Exc.

Na pasta do sr. Amaro, na pasta da justiça, houve politicagem baixa, mesquinha e vergonhosa.

A instrucção publica é uma balburdia, é um cháos.

A policia na Capital Federal de chafalho, em punho, apadrinhada pelo sr. Edwiges, dictava ordens como as legiões pretorianas em Roma.

A liberdade individual quase que foi supprimida; as perseguições e as violencias se exerciam alli como se estivessemos na terra dos mandarins.

Juizes da estatura moral de Edmundo Barretto, Raja Gabaglia e outros foram preteridos nas nomeações para o supremo tribunal, simplesmente porque faziam da justiça um sacerdocio e não desciam ás arenas tumultuosas onde se faz a politica.

O mais alto representante do poder judiciario foi injuriado, achincalhado por S. Exc. e isto porque não quiz sancionar as illegalidades, as violencias e todos os actos de prepotencia pratica-

dos por si e por seus agentes depois do hediondo attentado de 5 de Novembro.

Agora mesmo S. Exc. deu uma prova do que vale o odio politico, do que vale a vingança, no caso da licença do dr. Candido Barroso.

A guarda nacional foi a melhor arma politica com que s. exc. jogou quando entendeu organizar um partido, como demonstrou cabalmente, em curioso trabalho, o illustre deputado pelo Rio Grande do Sul, dr. Pinto da Rocha.

No departamento do exterior o que fez S. Exc.? Com dispendio extraordinario para os cofres da União removeu quase todo o corpo diplomatico, perseguio velhos e leaes servidores da Patria como aconteceu com Salvador de Mendonça que tão relevantes serviços prestou ao paiz na revolta de 6 de Setembro, como nosso ministro nos Estados Unidos.

O governo do sr. dr. Prudente foi uma descrença, foi uma mentira.

Descrença, porque S. Exc. que subio as escadas do poder precedido da aura popular, apoiado pelas classes conservadoras do Paiz, não soube respeitar os direitos dos seus concidadãos.

Ahi estão bem vivos na memoria de todos o assassinato de Gentil de Castro, a destruição das typographias monarchicas, da «Republica», o fechamento do Club Militar, as prisões e violencias no estado de sitio.

Mentira, «sim, porque S. Exc. faltou ao compromisso tomado com a Nação em documento impresso e distribuido em avulso a 15 de Novembro de 1894.

Que S. Exc. ao recolher-se a sua fazenda, em Piracicaba, para gozar as doçuras do lar, esqueça-se de que foi Presidente da Republica como nós ja o esquecemos.

LUIZ NOGUEIRA.

DR. PRUDENTE DE MORAES

Termina hoje o praso constitucional do governo do exm. sr. dr. Prudente de Moraes.

O velho batalhador dos principios democraticos, naquelle tempo em que a republica era o sonho chimerico de uma resumida porção da mocidade brasileira,—volve agora ao antigo theatro das suas lutas com o coração despedaçado

pela ingratidão dos homens!

Levou para a alta governação do paiz o ideal de confraternisação pregado no ostracismo e volta convencido de que a atmosphera que circunda a elevada posição a que chegou, mata e asphixia, muitas vezes, o direito e a justiça que não se deixam inspirar pelo anarchismo desfarçado que convulciona o mundo!

Entrou para ali quando os elementos anarchicos acabavam de apossar-se de todas as posições officiaes, ao serviço de um homem que ao lado de grandes virtudes, praticou os maiores erros de politica e administração. Ou s. exc. trilhariá o mesmo caminho do seo antecessor, mandando depor os governadores que não fossem da sua feição; desterrando e reformando as patentes do exercito que lhe eram contrarias; governando com os exaltados da politica, e neste caso sahiria hoje do governo coberto das ovações convencionaes do despotismo, ou seguiria o rumo que seguio, para escapar milagrosamente á garrucha dos assassinos, sem no entanto poder fugir aos dissabores de uma temerosa campanha de odios e rancores, de cujas malversações, nada, na sua vida ficou ileso!

Para mim, o governo do eminente cidadão só teve um grande defeito, e foi que, assim como s. exc. soube resistir á demagogia vermelha que lhe impunha o supplicio de todos os seus adversarios, devia tambem ter sabido esmagar essa vibora que se levantava no seio da patria como uma eterna ameaça á paz e á concordia do povo brasileiro.

O inaudito attentado de 8 de Março, façanhudo arremedo da canalha franceza, nos dias do terror, foi o começo desse drama nefasto que acabou pela luctuosa tragedia de 5 de novembro do anno passado. Creio bem que se o venerando cidadão se sentisse com forças, naquelle momento, teria desaggravado a lei e a sociedade, mas o jacobinismo, pequeno em numero, e grande na audacia, havia avassalado tudo, até mesmo o partido federal, unica força politica organizada.

Como pois, resistir-lhe? Como embaraçar-lhe os meios de destruição? Devia ter pensado o sr. Prudente de Moraes.

A bondade de seo coração arredou-o de um procedimento severissimo, o unico compativel com a situação, e é por isso que a anarchia tripudia de goso na hora suprema em que o notavel brasileiro abandona o posto espinhoso dos seus grandes sacrificios pela patria e pela republica.

Foi por isso que tivemos de lamentar a obra de Deocleciano Martyr; obra ignominiosa que maculou um grande partido, onde existiam republicanos e patriotas sem

jaça, victimas da condescendencia culposa do general Glycerio que declarava ser o jacobinismo a guarda avançada do seo partido.

Longe de mim ser Cassandra para os destinos de minha patria, mas encherço de modo tal a corrente das cousas publicas que não duvido vaticinar aos successores do dr. Prudente de Moraes, maiores dissabores, talvez, do que aquelles que curtiu o immorttal brasileiro.

A hydra que o ferio vive ainda e logra muitas esperanças: Ella curva-se aos pés do illustre estadista dr. Campos Salles, imaginando prendel-o ao carro das suas iniquidades, mas não o conseguindo, como espera confiante a nação inteira, volverá aos processos extremos a que habituou-se, reproduzindo com exito mais completo, tal vez, as lamentaveis scenas de 8 de março e 5 de novembro do anno passado.

A sorte dos homens que melhor serviram á republica, tem sido de dolorosos ensinamentos para todos os que a amam deveras.

Deodoro, cujo braço poderoso no momento, foi o seguro factor da victoria da revolução, morreu acabruhado de desgostos, arrependido talvez de haver acreditado naquelles que andavam beijando suas mãos.

Silva Jardim, repudiado logo nos primeiros dias da victoria pelo aulicismo republicano, expatriou-se, para encontrar na voragem do Vesuvio o eterno esquecimento da ingratição dos muitos por quem tanto se cançou. E Prudente de Moraes, ahí vae, regressando com o coração chagado, desse Calvario em que soffreo as torturas que erigem os martyres e as calumnias que sagram os santos.

Mas elle hade ter os seus dias melhores; hade receber a confissão do bem que nos fez, se não agora, pela mesma geração que o admirou calmo, no meio das maiores tormentas—, amanhã, pela justiça da historia que não mente.

Sim, quando a bandeira rubra do odio que se levantou contra o grande patriota, houver sido rasgada pela acção reivindicadora da paz e da liberdade, o seo nome immaculo permanecerá no coração de cada um de nós como o do obreiro que firmou os alicerces da verdadeira republica.

Então já ninguem se arreceiará de confessar que devemos ao seo governo o estimavel serviço da tolerancia, da justiça, da probidade, com que gerio os destinos da patria.

Em quanto, porem, não chega esse momento, sauda-o, na hora em que vae deixar o poder, quem não soube cortejar-o nos dias da prosperidade.

São mui justas as ovações que se fazem hoje ao sol que se levanta, pois que elle re-

presenta uma esperança, mas não é menos agradável bendizer o astro que se esconde quando simbolisa uma gloria.

15—Novembro—98.

M. Lopes.

Escrinio Litterario

BILHETE POSTAL

Meu caro Valdivino Tito.

Resa uma lenda arabe que um dia uma aguia pairando por um instante no espaço, em um impulso de orgulho selvatico fitou o sol, invejou-o e quiz affrontal-o face á face... Subio; subio... bem depressa, porem, cahio resu-pinamente, fulminada, morta antes de levar á cabo a audaciosa acção...

E' talvez o que vai succeder commigo em relação a si: quiz um dia approximar-me de sua pessoa e dar-lhe alguns conselhos de amigo; escrevi-lhe então um «Bilhete» muito e muito despretencioso, mas também muito «officioso» na sua illustrada opinião, e o que é certo é que depois de uma incubação demorada de quasi um mez «a montanha pario o rato» (desculpe a metaphora) e o meu querido amigo responde-me, tendo completamente perdido a calma, n'um acervo de ditos faceciosos, procurando talvez escapar-se pela porta baixa da graçola que cousa alguma adianta ou resolve.

Gosto muito de, seguindo os principios estabelecidos pela escola psychologica de Paul Bourget e Stendhal, procurar apanhar atravez o texto da obra a impressão dominante no escriptor por occasião de escrevel-a, e por isso é que apenas li o seu artigo conheci que zangara-se commigo.

Pois não tem razão para isso; as observações que expendi promanaram da sympathia que me inspira, e não de uma «nevrose de exhibição» (vejo gostar de falar difficil). Fui delicado o quanto me era possivel e se hoje sou alvo da sua diatribe... tomo emprestada, aqui, uma phrase de sua resposta: «cada qual dá o que tem».

Não veja neste meu modo de falar uma lição de pragmatica; só «empunho a férula» para castigar outras faltas.

Não quero tornar-me perissologico, razão porque vou entrar propriamente no assumpto, esforçando-me quanto possivel afim de esclarecel-o sufficientemente em poucas palavras e breve tempo.

Antes de tudo louvo-lhe a modestia que o inibio de acompanhar-me em minha peregrinação ao Templo Eburneo da Arte, V. que ahí entraria como sacerdote e não «como sachristão» podendo até officiar, mas, deixo que

extranhe conservar V. o «chapeo na cabeça» ao ficar á porta temeroso de profanar a santidade do recinto se penetrasse nelle, deixe que extranhe isso, porque á porta de uma igreja o logar do chapéo não é na cabeça...

Começou admirando-se de que eu não tivesse determinado qual a escola a que me affliava «como poeta». Isso que V. reputa uma omissão foi o resultado de um proposito, e, não cause-lhe pismo o affirmar que, sem ter o dom da presciencia, sabia que seria esse calcanhar de Achilles do meu pobre artigo o primeiro ponto atacado.

«Simples «dilettante» da rima, faço versos, e de fazer versos a ser poeta a distancia é enorme» (empreste-me ainda desta vez algumas das perrolas da sua mimosa joia litteraria).

Nenhuma intuição escolastica tenho; e crevo poesias do mesmo modo que escrevo locaes ou alinhavo um ou outro artigo de fundo.

Mas quer saber desde quando julgo-me assim? Desde o momento em que li o seu «Forget me not». Confesso-lhe com franqueza q' quando meus olhos devoraram o ultimo «não te esqueças de mim» inconscientemente parodiei a celebre phrase que Corregio soltou em frente a um quadro de Raphael e exclamei: «anch'io son' poeta»!

Entretanto, para seu governo, digo-lhe sempre, que, posto não me anime a «estulta velsidade» de considerar-me um filho das musas, procuro adaptar-me ás condições mesologicas, curvo-me ante a magestosa e fatal lei spenceriana da evolução, e, n'estas condições esforço-me para não ser apontado como um caso vivo de retrocesso litterario.

A tendencia hodierna é para exterminar de vez essa impersonalidade subjectiva dos lyricos do «doe-doe» (o qualificativo é de Araripe Junior), e, sem temer contestação, avanço que esse escopo está quasi alcançado.

Considero-me feliz podendo affirmar que acompanho essa corrente innovadora, cujo largo alcance na phase historica actual da litteratura brasileira de muito previ, innovadora, sim, porem mais do que isso, muito mais mesmo, regeneradora.

Se é assim não lhe deve agora admirar que aconselhasse dar V. um novo rumo ao bergantim de oiro, de velas muito leves e muito pandas da Phantazia sua, pela face azul do lago dos serenos Ideaes, na rota diuturna...

Se assim é, não deve estranhar tel-o accusado de vasar suas produções poeticas nos moldes archaicos da escola de Casimiro de Abreu, Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães, Franco de Sá, Junqueira Freire & C., accusação de que nem ao menos procurou desfender-se... Confessou mes-

mo ter procurado com a «Tri-gueirinha» fazer uma IMITACÃO da «Moreninha» e da «Sertaneja» quando não pôde ver que confessar isso foi dar-me razão por tel-o accusado de falta de personalidade, de falta de originalidade na expressão, de subserviencia á velhos moldes na actualidade completamente deixados á margem pelos NOVOS, (aquelles que de conquista em conquista têm quasi chegado ao termo da jornada, apesar dos ataques continuados dos apaixonados «enragés» das velharias bolorentos!

Já em 1866 Tobias Barreto escrevendo sobre as «Flores da noite» de Lycurgo de Paiva que V. não deve desconhecer, citava esta opinião de Victor de Laprade: «O que ha de difficil e admiravel não é somente pintar e escrever bem; é PENSAR alguma coisa que valha a pena de ser escripta e pintada.» Este pensamento do criticista corrobora perfeitamente o meu humilde modo de entender; entretanto, quero chamar em meu auxilio outras opiniões; que lhe provem, que, se de nós dois alguem labora em erro, não sou eu.

São de Sylvio Romero, da sua «Historia da Litteratura Brasileira» as linhas que vai ler: «Os moços quasi nunca têm uma inspiração sua; não conhecem os segredos do pensamento «original e autonomico» nem procuram casar suas idéas aos arroubos da nossa natureza. Os litteratos preferem desconhecer o paiz e o povo, sequestrar-se da alma nacional e viver enclaustrados nas cidades, entregues ao sonho polucional de umascismas rachiticas; abandonados, segundo a phrase graphica de um escriptor europeu, á uma especie de extravasamento, de «onanismo» intellectual. O rapaz aos vinte annos, entré nós, está quasi sempre viciado e aos trinta é velho de corpo e de espirito.

«E' a razão de toda essa galeria patria, MERENCORIA E SOMBRIA DE TÍSICOSE HYS-TERICOS, mortos antes dos trinta annos onde estão Alvares de Azevedo, C. de Abreu, Bernardino Ribeiro, Castro Alves, Junqueira Freire, Macedo Junior, Dutra e Mello, Franco de Sá e muitos outros extenuados ao sol da patria, é certo; mas, também desorientados pelas chimeras de uma educação misanthropica e prejudicial.

«TODOS ESSES MOÇOS SÃO UM MÁO EXEMPLO para nós os de hoje; havemos mister de types mais varonis, de luctadores mais valentes.»

A voz que acaba de fazer-se ouvir deve merecer-lhe todo acatamento; é de um homem que trabalha ha vinte e oito annos em prol da litteratura patria, muita vez ferido no heroico posto de ingentes sacrificios, sem jamais haver recuado uma linha.

Pois bem; é elle quem brada-lhe estar V. em erro deixando-se levar e até procurando a perni-

cosa (repito o termo) influencia da escola decahida.

Essa escola é para V. o que é a sombra da mancenilheira para o incauto viajante: mortal.

Escreve ainda o citado mestre: «Logo que na seiva de uma corrente litteraria penetra o VIRUS DA AFFETAÇÃO o movimento definha e tende a morrer.»

Ora, é ou não uma affectação sua, querer escrever no genero assucarado d'aquelles a que já alludi por mais de uma vez, aqui?

Não é V. mesmo quem afirma procurar IMITAL-OS?

Tobias Barretto está de accordo com o critico sergipano quando diz (refere-se a Lycurgo de Paiva:) «ser poeta é mais alguma cousa do que andar com os seios tumidos, o craneo em braza FINGINDO maguas que não se sentem, fallar em tumulos, em desgraças, e dizer-se melancolico.»

FINGIR MAGUAS é ou não affectar?

É ou não o que succede com alguns dos mediocres (não o incluo n'esse numero) verzejadores da actualidade que vão monotonamente inspirar-se no pranto das suas Marilias choramingas, na morte, na desgraça, e, que sei eu? em uma fonte perenne de desgostos e hypochondria?

Sei, porem, que esses que recorrem hoje a taes meios inconscientes o fazem por conveniencia.

Com effeito, é muito conhecida a receita d'essas poesias, e, não commetto certamente uma indiscricção dizendo que o segredo consiste em tomar «uma onça de dores, meia dita de corações de fera, um kilogramma de lagrimas (ou mais, á vontade), duas duzias de soluços, meia libra de suspiros, outro tanto de gemidos, triturar tudo, levar ao forno quente de uma affectação mais ou menos desenvolvida e servir depois em pilulas indigestas de sete, dez ou dose syllabas (1) — conforme o paladar!

Escreveu V.: «Outra poesia minha que alcançou o seu anathema (sic) é a que tem por titulo *Forget me not*. Não obstante a sua formal condemnação ella foi publicada n'outro jornal do Maranhão (parece-me que trata-se de um de Picos) e mereceu ser transcripta (turpe est de se ipso predicare) na secção *Litteratura do Federalista* de 16 de Setembro».

Palavra que julguei que a transcriptão tivesse sido feita pela *Revista Brasileira* (a *Revista* só publica artigos originaes, podia, porem no caso vertente ter aberto uma excepção em favor do meu amigo).

Sabendo que, desviado por seus muitos affazeres, o redactor-gerente do *Federalista*, meu collega, patricio e particular amigo dr. Carlos Costa, um dos moços mais habilitados da actual geração piauihyense, era obrigado a não ligar a secção litteraria do orgão sob sua direcção a attenção que merece, não dei-lhe nunca o valor que actualmente dou, depois, que chegou-me ao conhecimento ter sido honrada

com o seu *Forget*. Por ahi vi que commettia uma injustiça...

São, ainda suas, as seguintes palavras: «Oxalá V. possa legar ás letras patrias um nome laureado e imperecível como o legou Camisiro de Abreu». Não tenho essa pretensão; deixo-a para V. que imita o seu Casimirinho ao pé da letra, e, — sabe? — deseje até que se possa applicar aos seus versos o *carè perennius* com que H. racio classificou os que escreveu.

Arrastado por si vejo-me na obrigação de voltar á questão dos versos agudos e graves, em que V., com os ares victoriosos que devia ter Archimedes por occasião do *Eureka* ao descobrir a lei do peso especifico dos corpos, veio ao assumpto como para dizer sobre elle a ultima palavra, empunhando a espada historica de Alexandre para cortar o tremendo nó gordio!

Desgraçadamente as suas duas «autoridades altamente collocadas nas quaes se nota a mesma falta que tanto deu-me que censurar» não pesam na balança.

Desgraçadamente a verdade manda que eu negue estarem João Bastos (que aliás dou-lhe permissão para collocar dez furos acima de mim) e D. Julieta de Mello Monteiro, no caso de serem chamados para a solução de uma questão como esta, não accitando tambem a autoridade invocada de Camillo C. Branco de quem transcreveu os dois tercetos de um soneto que encontrou em um Almanak do Rio Grande do Sul, porque é um decadente.

Quanto a Thaumaturgo Vaz ninguém o admira mais do que eu; os dois tercetos seus, porem, nada firmam, porque não me poderá precisar a data da sua publicação que indubitavelmente está longe, illação que tiro por conhecer de perto a illustração desse moço um daquelles que com incarnaçao maior luctam sob o labaro de luz da Idéa Nova!

Invocando Gonçalves Dias sahio-se mal; todos sabem que o intelligente mestiço caxiense se foi grande pelo sentimento, alguma cousa deixou a desejar quanto ao burilamento de muitas de suas peças. Jamais entrarei em uma apreciação mais demorada neste ponto a respeito do grande morto, porque em primeiro logar falta-me competencia, e não quero tornar-me iconoclasta, depois... *musca non capit aquilam*. Desafio-o, porem, a que mostre-me um só exemplo da falta de relação entre versos agudos e graves colhido entre os poetas de verdadeiro merito (excepção feita de V.) da actualidade, e dos quaes lembro-me de momento de Luiz Delphino, Damasceno Vieira, Alberto de Oliveira, Valentim Magalhães, B. Lopes, Carvalho Aranha, Rodrigues de Carvalho, Lucio de Mendonça, Raymundo Correia, Segundo Wanderley, Theotônio Freire, Paulo de Arruda, Miguel Barros, João de Deus do Rego, Guimarães Passos, Olavo Bilac, Luiz Murat, & & que enumero aqui sem fazer distincção de escola.

Desafio-o; desafio-o solemnemente e desde já comprometto-me

á «apresentar a mão ao bolo», se ganhar V. a cousa, que, repito, não succederá.

Não exemplifico porque felizmente não duvidou que eu pudesse fazel-o longamente; e, para que «much ado about nothing»?

Passo á ultima parte de sua resposta.

Affirmei que o verso «E' antegosar o que no céu se gosa...» estava errado, e, mantendo de pé tal accusação.

Defendendo-se parodiou uma parte de meu primeiro *Bilhete* e escreveu: «Se contar-se, como V. certamente fez (e errou com isso) — já lhe provo quem errou — «é antegosar» como tendo cinco syllabas, o verso ESTARÁ EFFECTIVAMENTE ERRADO porque sobra-lhe uma syllaba; si contar-se, porem, (como entendo que deve ser) dando-lhe somente quatro (!) teremos um heroico correcto. D'esta ultima forma contam muitos poetas de nota (resumio os *taes de nota* a Tobias) por isso que o verbo «é» e a primeira syllaba de «antegosar» formam um hiato que pode-se sem infringir as regras da metrificação, contar como uma só syllaba».

Citou entã em seu apoio os seguintes versos da «Lenda civil»:

«A' noite é uma viuva de quinze annos
Que prostitue-se envolta em trajos
negros...
E' a hora em que, ao ouvido attento
só,
No relógio e no peito palpitantes,
O tropel dos momentos que galopam.»

Meu caro Valdivino conhece o — «querer benzer-se e quebrar as ventas»? — Pois foi o que succedeu comigo. V. deu uma verdadeira «patada» (desculpe ainda d'esta vez a metaphora) entendendo que Tobias Barreto contou as syllabas do modo porque fez V. Demonstro-o em poucas palavras.

Se elle tivesse admittido o hiato e dado a «é uma» o valor de duas syllabas, com maioria de razão, daria a «viuva» o mesmo valor e teria então o verso manco. Mas não foi assim! Elle contou vendo em «é uma» tres syllabas, em «viuva», porem, somente duas, porque o «i» é quasi mudo ahi.

No «E' a hora em que & ...» se elle tivesse admittido o hiato constituido por «é a» necessariamente esse hiato comprehenderia a primeira syllaba de «hora» porque o «h» é mudo, e o verso ainda seria manco. Não! Elle contou «é» (uma) «a ho» (outra) & & e d'este modo não errou.

Quer que prove-lhe melhor? Não pense que vou recorrer a outro poeta; não! é a Tobias, mesmo, é a propria poesia donde extrahio os versos que citou, é a *Lenda civil*.

Diz elle: «E' ALLI que uma deusa attrae e prende Em longos fios de cabellos negros...»

A aceitar-se a sua contagem o primeiro destes dois heroicos estará quebrado, porque feito o hiato em «é alli» em logar de dez terá nove syllabas. Só se V. entende que isto de hiato fica a vontade do escriptor accetal-o quando a metrica houver delle

mister, e regeital-o no caso contrario...

Continuo a exemplificar, cingindo-me sempre a *Lenda civil*: «E' ELLE, o triste, o mistero que soffre... Vendo-o, a deidade nem sequer se move».

Se o Grande Mestre contou «é elle» como tendo duas syllabas (e este é o modo de entender do meu querido amigo, a não ser que o que leu até aqui tenha-lhe mudado a maneira de pensar) escreveu um «heroico de nove syllabas» (sei que os heroicos têm dez syllabas) e então V. está em contradicção comigo mesmo, porque tratando de Tobias affirmou «ser elle incapaz de escrever versos errados»!

Na *Lenda rustica* nos seguintes versos de onze syllabas encontro outro caso:

«Caminha... e sahindo n'um largo
terreiro,
Quem visse-lhe o gesto diria E' AQUI...»

Dado o hiato entre «é» e a primeira letra de «aqui» em logar de onze o verso teria dez syllabas.

Recorro, para findar esta serie de exemplos á poesia intitulada «Ao rabequista Moniz Barreto Filho» e nella encontro outro caso. Eil-o:

«E' ASSIM, porque Deus, baixando
á terra,
Se rebaça nas noites tenebrosas...»

Estão ahi dois heroicos correctos; dado, porem, o hiato entre «é» e «as» passará a ter nove syllabas o primeiro; estará portanto errado.

Nestas condições se V. foi um simples visionario enxergando hiatos onde não existiam; se nem uma vez entrando na composicção o verbo «é» e principiando a palavra seguinte por vogal deixei de demonstrar-lhe a existencia de duas syllabas, mais do que nunca affirmo que o seu «E' antegosar o que no céu se gosa» é um verso de onze syllabas e que portanto errou porque devia escrever um heroico!

Para terminar falta-me apenas levantar o seu cartel de desafio e vir contar syllaba por syllaba o seguinte alexandrino (verdad iro caso de teratologia poetica):

«Fugia a minha estrella, o astro
meu saudoso.»

Lembre-se que prometteu me um doce si viesse á arena e como aqui estou, veja se não demora a remessa tanto como demorou a resposta do *Bilhete*.

Para não perder tempo (há muito tenho receio de estar a caceteal-o) passo á contagem. Procedo assim:

Fu (1) gi (2) a a (3) mi (4) nha es (5) trel (6) la o as (7) tro (8) met (9) sau (10) do (11) a ultima syllaba d'esta palavra é muda ahi).

Como vê, a duodecima ficott não seu tinteiro talvez afogada na borta da tinta; como vê, denominando-o «um alexandrino de onze syllabas» não commettia um ERRO CRASSO, não fazia um «feliz a chado». Se algum fazia-o era V. que, a continuar por esse systema de reduccão, á fóra, bem pode acabar descobrindo a quadratura do circulo.

Aqui aguardo-o. Ne quid nimis.

Cumprimenta-o respeitoso o seu

ABDIAS NEVES.